

Dos Santos aos Fiéis Defuntos

(Continuação da 1.ª página)

O dia de Todos os Santos é, por isso, um dia de festa que não deve ser ofuscada pela celebração do dia que se lhe segue. A comemoração de todos os Fiéis Defuntos nasceu, no entanto, em ligação com a celebração do dia anterior, e muito naturalmente, pois que também nela se celebra a vida para além da morte, na esperança da ressurreição do último dia.

O dia chama-se Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, depois de Todos os Santos, todos os que partiram deste mundo, marcados com o sinal da fé e esperam ainda a purificação total para poderem chegar à visão de Deus.

O nome tradicional para falar dos que partiram é Defuntos – palavra que significa os que deixaram a sua "função", a sua actividade terrena e que não devem ser chamados "Finados", palavra de sabor pagão, que significaria os que chegaram ao fim de tudo quanto é vida, onde não haveria lugar para "a vida do mundo que há-de vir", como professamos no Credo. Foi o Abade de Cluny, S. Odilão, quem no ano 998 determinou que em todos

os mosteiros da sua Ordem – e eram muitos e influentes – se fizesse a comemoração de todos os defuntos «desde o princípio até ao fim do mundo» no dia a seguir ao da solenidade de todos os Santos.

Este costume depressa se generalizou. Roma oficializou-o no século XIV e no século XV foi concedido aos dominicanos de Valência (Espanha) o privilégio de celebrar 3 missas em 2 de Novembro, prática que se difundiu nos domínios espanhóis e portugueses e ainda na Polónia. Durante a primeira Grande Guerra, o Papa Bento XV generalizou esse uso a toda a Igreja (1915).

O Calendário de 1969 equipara a Comemoração às Solenidades, dando-lhe precedência sobre os domingos. Também a sucessão dos dois dias litúrgicos insinua esta íntima ligação dos dois cultos: a Igreja pretende abraçar todos os cristãos que já concluíram a sua peregrinação terrena, a começar por aqueles nos quais já se cumpriu integralmente o mistério pascal com o triunfo da ressurreição de Jesus Cristo.

A. Sílvio Couto

Halloween

Aí está a invasão publicitária, como em todos os anos nesta época: abóboras, disfarces de bruxas, de fantasmas, de esqueletos, diabos e de morte. E com nomes sugestivos: "Filha das trevas", "A morte branca", "Emissário da morte", "Fantasma do Inferno".

Para as carteiras menos recheadas, também há forquilhas, cornos e caveiras luminosas e também perucas de lobisomem e dentes de vampiro. Basta entrar nos supermercados e centros comerciais e até mesmo nas lojas de bairro que adultos, crianças e jovens têm uma panóplia para celebrar o Halloween.

A festa das bruxas, que se celebra na noite de 31 de Outubro, coincide com a véspera de todos os santos. Todos os anos a Santa Sé alerta para o carácter pagão do Halloween que "tem um pano de fundo de ocultismo e é

absolutamente anticristã" (L'Osservatore Romano). Alguns bispos na Europa alertam os pais para esta onda de paganismo e apresentam alternativas curiosas: as Holywins - que brinca com as palavras "Santo" e "Venecer" – lançada pela diocese de Paris para juntar os jovens e crianças na noite de 31 de Outubro.

Também os bispos do Reino Unido deixam um apelo para que as crianças se disfarçam de santos, em vez de bruxos e diabos, porque a palavra Halloween deriva da expressão inglesa "All Hallow's Eve", ou seja "Véspera de Todos os Santos".

Que bom seria se os portugueses encontrassem alternativas para testemunhar a fé e a esperança cristã diante da morte, em vez de celebrarem o Dia das Bruxas.

RR on-line, 29-10-2010

PARÓQUIA VIVA

N.º 513 – 01/11/2010

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 30 200 99 91 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 30 200 65 54

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



Todos os Santos – Ano C



«vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas.» (1.ª leitura); «Jesus começou a ensiná-los, dizendo: "Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus. ... Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa".» (Evangelho)

Dos Santos aos Fiéis Defuntos Celebrações marcam profundamente a religiosidade dos portugueses

A proximidade destes dois dias do princípio de Novembro, respectivamente o dia 1 e 2 deste mês, levou a que frequentemente se imagine que se trata de uma única celebração em dois dias consecutivos. No entanto, não é assim, embora cada um destes dois dias tenha muito de comum, que é a celebração do mistério da vida para além da morte e a esperança de nela tomarmos parte, como membros do mesmo e único Corpo de Cristo.

Os Santos sempre foram celebrados desde o princípio do Cristianismo, particularmente os Mártires. As Igrejas do Oriente foram as primeiras (século IV) a promover uma celebração conjunta de todos os Santos quer no contexto feliz do

tempo pascal quer na semana imediatamente a seguir. Os santos – com destaque para os mártires – são, de facto, modelo sublime de participação no mistério pascal.

No Ocidente, foi o Papa Bonifácio IV a introduzir uma celebração semelhante em 13 de Maio de 610, quando dedicou à santíssima Virgem e a todos os mártires o Panteão de Roma, dedicando essa que passou a ser comemorada todos os anos. A partir destes antecedentes, as diversas Igrejas começaram a celebrar em datas diferentes celebrações com idêntico conteúdo. Os irlandeses, por exemplo, celebravam em 20 de Abril uma festa em honra de todos os Santos da Europa.

A data de 1 de Novembro foi adoptada primeiro na Inglaterra do século VIII acabando por se generalizar progressivamente no império de Carlos Magno (influência de Alcuíno, que era inglês), tornando-se obrigatória no reino dos Francos no tempo de Luís, o Pio (835), talvez a pedido do Papa Gregório IV. Na solenidade de todos os Santos, a Igreja propõe-se esta visão da glória, às portas do inverno, para que, com o cair das folhas das árvores e o apagar-se gradual da luz do dia, não esmoreça nos seus filhos a esperança da vida e da vida plena em Deus, onde os Santos são para nós, ainda peregrinos na Terra, um estímulo e um contínuo convite a que desejemos, para além da morte, a vida eterna em Deus.

(Continua na pág. 4)

Solenidade de Todos os Santos – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

«Os Santos, tendo atingido pela multiforme graça de Deus a perfeição e alcançado a salvação eterna, cantam hoje a Deus no Céu, o louvor perfeito e intercedem por nós.

A Igreja proclama o mistério pascal, realizado na paixão e glorificação deles com Cristo, propõe aos fiéis os seus exemplos, que conduzem os homens ao Pai por Cristo; e implora, pelos seus méritos, as bênçãos de Deus.

Segundo a sua tradição, a Igreja venera os Santos e as suas relíquias autênticas, bem como as suas imagens. É que as festas dos Santos proclamam as grandes obras de Cristo nos Seus servos e oferecem aos fiéis os bons exemplos a imitar» (Constituição Litúrgica, n.º 104 e 111).

1.ª leitura: Apoc. 7, 2-4.9-14

As primeiras perseguições tinham feito cruéis destruições nas comunidades cristãs, ainda tão jovens. Iriam estas comunidades desaparecer, acabadas de fundar? As visões do profeta cristão trazem uma mensagem de esperança nesta provação. É uma linguagem codificada, que evoca Roma, perseguidora dos cristãos, sem a nomear directamente, aplicando-lhe o qualificativo de Babilónia. A revelação proclamada é a da vitória do Cordeiro. Que paradoxo! O próprio Cordeiro foi imolado. Mas é o Cordeiro da Páscoa definitiva, o Ressuscitado. Ele transformou o caminho de morte em caminho de vida para todos aqueles que o seguem, em particular pelo martírio, e eles são numerosos; participam doravante ao seu triunfo, numa festa eterna.

2.ª leitura: 1 Jo. 3, 1-3

Segunda mensagem de esperança. Ela responde às nossas interrogações sobre o destino dos defuntos. Que vieram a ser? Como sabê-lo, pois desapareceram dos nossos olhos? E nós próprios, que viremos a ser?

A resposta é uma dedução absolutamente lógica: se Deus, no seu imenso amor, faz de nós seus filhos, não nos pode abandonar. Ora, em Jesus, vemos já a que futuro nos conduz a pertença à família divina: seremos semelhantes a Ele.

Evangelho: Mt. 5, 1-12a

As Bem-aventuranças revelam a realidade misteriosa da vida em Deus, iniciada no Baptismo. Aos olhos do mundo, o que os servidores de Deus sofrem, são efectivamente formas de morte: ser pobre, suportar as provas (os que choram) ou as privações (ter fome e sede) de justiça, ser perseguido, ser partidário da paz, da reconciliação e da misericórdia, num mundo de violência e de lucro, tudo isso aparece como não rentável, votado ao fracasso, consequentemente, à morte.

Mas que pensa Cristo? Ele, ao contrário, proclama felizes todos os seus amigos que o mundo despreza e considera como mortos, consola-os, alimenta-os, chama-os filhos de Deus, introduz-os no Reino e na Terra Prometida.

A Solenidade de Todos os Santos abre-nos assim o espírito e o coração às consequências da Ressurreição. O que se passou em Jesus realizou-se também nos seus bem amados, os nossos antepassados na fé, e diz-nos igualmente respeito: sob as folhas mortas, sob a pedra do túmulo, a vida continua, misteriosa, para se revelar no Grande Dia, quando chegar o fim dos tempos. Para Jesus, foi o terceiro dia; para os seus amigos, isso será mais tarde.

Diocese de Viana do Castelo assinala 33 anos de existência

As comemorações dos 33 anos de existência da Diocese de Viana do Castelo arrancaram este Domingo, 31 de Outubro, com uma concelebração eucarística, na Sé Catedral, às 11h00, presidida pelo novo pastor diocesano, D. Anacleto Oliveira.

A denominada Semana da Diocese, engloba um conjunto de actividades que centram a igreja diocesana num tempo de aprofundamento do significado de ser diocese, ainda que, por comparação às demais, relativamente jovem.

Na Quarta-feira celebra-se a Instituição Canónica da Diocese de Viana do Castelo, pelo Papa Paulo VI, a 3 de Novembro de 1977.

Nesse dia, ao final da tarde, às 18h00, D. Anacleto Oliveira retorna à Sé para presidir à Eucaristia de Acção de Graças pelo caminho realizado na construção da Igreja de Jesus Cristo.

O Seminário Diocesano recebe, a partir da manhã desse dia, o XVI Fórum Sacerdotal e as II Jornadas de Formação Permanente do Clero.

Ao longo de três dias, o teólogo Dionisio Borobio orienta a formação para os sacerdotes da Diocese de Viana do Castelo, abordando a problemática da iniciação cristã como processo de renovada evangelização.

Este professor catedrático de Liturgia e Sacramentos na Faculdade de Teologia da Universidade Pontifícia de Salamanca vai intervir seis vezes começando por definir os «novos delineamentos» do que é a iniciação cristã.

Após esta primeira intervenção, pelas 10h00, do dia 3, Borobio intervém ainda sobre o sacramento do Baptismo (às 11h30) e sobre o sacramento da Confirmação (às 14h30).

O segundo dia desta formação começa com uma intervenção sobre “primeira Eucaristia, primeira Penitência e Iniciação Cristã”, às 10h00, terminando com a intervenção de Dionisio Borobio sobre a “Família e Iniciação Cristã”.

No último dia, sexta-feira, às 10h00, este especialista fala sobre a “Iniciação Cristã de Adultos: Catecumenado”. Este tempo de formação termina com a celebração eucarística na capela do Seminário Diocesano em sufrágio pelos sacerdotes falecidos na diocese.

No sábado, dia 6, no Instituto Católico de Viana do Castelo, às 10h00, realiza-se a abertura solene das aulas da Escola Superior de Teologia e Ciências Humanas. Durante esta cerimónia intervém o padre Hermenegildo Faria, que vai fazer uma abordagem à “Palavra de Deus na dinâmica do ciclo litúrgico”, numa altura em que a Igreja está prestes a recomeçar com o “Ano A” da Liturgia.

No Domingo, dia 7, às 15h30, na Sé Catedral, tem lugar o encerramento da Semana da Diocese. A missa terá a presidência do Bispo de Viana do Castelo, celebração esta em que os fiéis das diferentes comunidades e instituições apresentaram o ofertório solene em favor da diocese.